

MEMÓRIAS AFETIVAS

Ando muito a pé pela cidade. Dia desses fui duplamente surpreendido com o que encontrei no centro de Franca. Em 1968, li uma reportagem de uma revista contando como os estudantes de arquitetura da FAU USP se despediram do antigo prédio da faculdade no bairro de Higienópolis, o belíssimo casarão projetado por Carlos Ekmann para a família Álvares Penteado, hoje totalmente restaurado. De mudança para o também belo e moderno edifício projetado por Vilanova Artigas na Cidade Universitária, fizeram um baile a fantasia com trajes e até mesmo carruagens para a despedida.

Já estava propenso a cursar arquitetura, enquanto cursava o Científico no IETC, tinha entrado num curso noturno de desenho técnico da Escola Industrial com o professor Moacir, algo que fez diferença durante os anos de estudo. Já sabia fazer perspectivas isométricas e também dominava um pouco de geometria descritiva, resolvia problemas dos livros do Ardevan Machado e dos irmãos Marmo, então donos do cursinho Anglo Latino.

Ao ler aquela notícia do baile na FAU que por algum motivo também falava de desenho, me decidi pela arquitetura e pedi ao meu pai para bancar um curso de desenho artístico na única escola existente à época em Franca, a “Santa Mônica” da professor Olina Gosuen, irmã do ex-prefeito Onofre. Ficava na mesma Rua Júlio Cardoso onde morava, um sobrado próximo ao restaurante Gasparini. No térreo, ela havia adaptado uma sala de aula com uma grande lousa e uma mesa enorme, onde comecei a aprender luz e sombra, proporções, noções de perspectiva a mão livre. Isso era final de 68, início de 1969. Dona Olina tinha domínio da reprodução dos objetos, mas pouco apego à criatividade. Tive um arranca-rabo com ela por conta de um exercício em que ela queria que copiasse uma lata de óleo da marca “Saúde” e coloquei a minha “Óleo Doença”, ela ficou fura comigo. O fato é que saber desenhar me ajudou bastante na profissão.

Ao passar pela rua da antiga escola de desenho, susto, não havia mais nada. O prédio, há bastante tempo fechado e à venda, foi demolido e o terreno limpo, só restando a lousa na parede. Um pouco a frente, na Rua Tiradentes próximo à delegacia de polícia do centro, outro susto. O prédio onde nasceu e cresceu o jornal Diário da Franca, onde comecei minha colaboração com a imprensa local, também foi demolido, restaram as paredes frontais para evitar a entrada de incautos. Ali havia sido um mercado nos tempos da carestia dos anos 1950 tocado pela União Operária Beneficente de Franca, entidade organizada pelos trabalhadores e sindicalistas locais com forte presença dos socialistas e comunistas. Desativada, a União passou a locar o espaço ao “Diário da Franca”, jornal lançado em 1973 com Facury e um pessoal que estava saindo do jornal “Comércio da Franca” então dirigido por Alfredo Costa, que queria sair do ramo após ser preso pela ditadura. Recém-formado, procurei o Facury em 1974, que publicou minha primeira HQ, com tema do basquete. Essa oportunidade abriu as portas para que começasse a escrever no jornal e nunca mais parei.

A redação do DF era pequena, pobre e bagunçada. Um galpão estreito com as máquinas ao fundo, aquele cheiro de tinta gráfica que adoro. O escritório e redação ficavam na porta da rua, com umas empenadas divisórias em madeira, algumas mesas, cadeiras, máquinas de escrever e aquele ruído de gente catando milho no teclado, conversando fiado ou tomando café. Teve uma época que a o Magno Dadonas dormia ao lado da rotativa, que soltava o jornal de terça a domingo. A gente chegava com um texto pronto e o Facury sacava uma caneta vermelha e ia riscando, isso pode, isso não, corrija essa palavra e dizia: “vou publicar”. Até que durou bastante o DF, fechou em 2017. Hoje, Franca não tem mais jornais impressos. Restaram as memórias afetivas dos que viveram aqueles tempos difíceis.

Mauro Ferreira é arquiteto